

Ref. Bibliográfica: PELUCIO, Larissa . "Mulheres com Algo Mais" - corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. Revista Versões, v. 03, p. 77-93, 2007.

"Mulheres com algo mais" - corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti

Neste artigo discuto a relação entre travestis, corporalidade, relações de gênero e mercado sexual, articulando esses elementos a partir das demandas da clientela. Para tanto, realizei etnografia entre travestis paulistas e clientes, somando a estes dados material veiculado por sites de acompanhantes e pelo Blog T, espaço voltado para interação entre homens que gostam de fazer sexo com travestis (os *t-lovers*) e um fórum de e-mails que reúne público semelhante. Vistas pelos clientes como "mulheres com algo mais", as travestis costumam afirmar que elas são "luxo e glamour", associando esses predicados à toda uma "engenharia erótica" materializada num corpo tido como feminino. Esses investimentos estéticos se orientam por modelos de beleza reverenciados pela mídia e pelo mercado sexual, seja em ambientes *on-line* ou *off-line*.

Palavras-chave: travestis, t-lovers, mercado sexual.

"Women with something more" – bodies, genders and pleasures in transsexual sex market

In this article I explore the relation between transsexual, corporality, genders relationships and sex market in reference with the clientele demand. For that I did an ethnographic research among travesties and their clients, adding data from escorts web sites and Blog T, a blog used by men who are interested in sex with trans (*the t-lovers*) and also forums on the internet with the same audience. Trans are seen by their clients as "women with something else". They like to say they are "luxury and glamour", with all that plus an "erotic engineering" resulting in a "feminine" body. All these esthetics efforts are oriented by beauty models revered by mass media and sex market either in on-line or off line environment

key-words: transvestites, t-lovers, sex market

Um dos mais novos sites voltados para o mercado sexual travesti teve no mês de seu lançamento 45 mil acessos, o que parece pouco se comparado às 16 mil visitas que o Blog T recebe diariamente¹. Além de mais tempo *on-line*, este último ambiente virtual tem peculiaridades que ajudam a entender a diferença numérica em relação ao site (ambos espaços virtuais gerenciados por Alex Jungle). O Blog é interativo, isto é, permite comentários ao material ali divulgado, sejam fotos consideradas sensuais ou crônicas de colaboradores e colaboradoras. Serve também de "ponto de encontro" de "admiradores" das travestis que podem não só trocar experiências como se manterem informados sobre as novidades do que eles chamam "mundo T"; oferece links para outros blogs afinados

¹ Informações concedidas pelo gerenciado do Blog T e sócio do mencionado site.

com a temática, além de endereços de MSN de freqüentadores do espaço, sejam travestis ou os chamados *t-lovers*.

Segundo Jungle, o freqüentador do Blog T não é tão diferente daqueles que passeia pelos diversos sites de acompanhantes que povoam a internet²,

senão pelo fato de que a maioria não comenta em Blogs. Visitam mas não se expõem. Assinante geralmente é um voyeur, casado, prefere o programa pago e sem compromisso, quer privacidade. Creio que a maior parte não seja t-lover no sentido que entendo da palavra, pois não teriam um relacionamento com uma [travesti], não assumiriam uma. Querem é diversão (Alex Jungle, em depoimento via e-mail, em 25/09/2006).

O *t-lover*³, identidade polêmica, é aquele homem que se declara admirador das travestis para além da prática sexual. Para os fins desse trabalho, são *t-lovers* apenas os grupos restritos que vem se organizando em várias grandes cidades do país e do exterior em torno de encontros *off-line*⁴ e fóruns de debate via Internet. Mesmo procurando demarcar quem é ou não um “verdadeiro *t-lover*”, o que a maioria desses homens busca nas travestis é sexo com “uma mulher com algo mais”, “com um brinquedinho”, “uma vírgula”, “um clitóris avantajado”, “greluda”. Esses predicados vêm seguidos por um elenco de outras exigências físicas e, sobretudo, morais, como ser “bem feminina”. A feminilidade se materializa em corpos bronzeados e acinturados, nos quais seios

² Entre os sites voltados para sexo com travestis, mas não exclusivamente, os mais mencionados por meus informantes são o Chantilly, Malícia, Travesti Brasil.

³ O termo *t-lover* chegou ao Brasil via rede mundial de computadores, nascido na onda dos movimentos identitários que ganharam força nos anos 80, sobretudo depois do surgimento da aids. Segundo um dos *t-lovers* pioneiros, o carioca Alex Jungle, o termo derivou de *t-girl*, usado por algumas ONG norte-americanas para se referirem a transgêneros. Assim, os homens que se relacionavam com as *t-girls*, ou *t-gatas*.

³ Apesar de existir um grande número de ambientes *on-line* onde homens interessados em ter sexo com travestis transitam, não existem vínculos suficientemente sólidos entre eles para que possam se ver ou serem vistos como um grupo claramente delimitado.

⁴ Esclareço que uso os pares *on line/off-line*, no lugar de virtual/real, me valendo da discussão feita por alguns autores que estudam essa área na Antropologia. Segundo esses autores, o par virtual/real coloca em oposição esses termos, e o que se constata é que as interações ocorridas no universo dito virtual são bastante reais, e muitas vezes se pautam nas ocorridas na sociabilidade *off-line* e vice-versa. Concordo com eles nesse ponto, por isso adoto aqui o par *on-line/off-line* para me referir ao que acontece nas interações via Internet e fora dela (Guimarães Jr. 1999 e 2004, Thomsen et al. 1998 e Dornelles. 2004). Considerando ainda que ambos os espaços se influenciam, convivem e pautam a sociabilidade que se desenvolve em cada um deles. Não são, portanto, compartimentados, mas imbricados.

volumosos e nádegas carnudas devem se somar a um gestual discreto e à retidão de caráter no que se refere ao trato com o cliente. As que roubam, cobram multa⁵ ou descumprem o que foi acordado na “entrevista”⁶, são classificadas como “lista negra” ou LN, em contraste com as LBs, listas brancas. Os atributos morais se estendem às práticas eróticas. Assim, ainda que “ativas”, as travestis devem atender às exigências do cliente; ser discreta quanto às preferências do mesmo evitando chamá-lo de “maricona”, classificação êmica que efemina o homem, sendo, portanto, desabonadora. Independente do tipo de sexo que procura, este homem quer ser visto publicamente como macho⁷.

Para Richard Parker, na cultura popular brasileira o “ser homem” não se dá exclusivamente em sua relação/oposição com o “ser mulher”, mas na relação de proximidade/afastamento com outras masculinidades tais como o machão, o corno, a bicha ou viado⁸. Assim, o homem que se relaciona com uma travesti, teria de guardar larga distância destas últimas figuras. Afirmar essa masculinidade torna-se uma grande preocupação e fator de desestabilização identitária para os clientes, sejam *t-lovers* ou não. Seus desejos e práticas sexuais os colocam sempre sob o risco de se distanciarem do pólo de maior masculinidade no *continuum* proposto por Parker. Por isso, marcar no corpo, nas falas e atos esse valor moral maior se torna uma estratégia que assegura o capital simbólico da masculinidade. No espaço de seus encontros *on* ou *off-line*, os homens que fazem sexo com travestis buscam evidenciar justamente os ideais do “ser homem”, reforçando as fronteiras entre eles e os homens homossexuais, a partir de chacotas, brincadeiras e todo um conjunto de temas de conversação e de atitudes corporais sancionadas como próprias da masculinidade hegemônica⁹. Acionam, assim,

⁵ A “multa” é um expediente comum entre travestis, seja a cafetina com suas filhas, as mais velhas com as que vão chegando na avenida, exigindo o “pedágio”, pagamento para que as novatas possam trabalhar no local. Ou com clientes que descumprem o que foi acordado na “entrevista”. A “multa” é uma espécie de castigo, pago em dinheiro ou mesmo em espécie (perfumes, roupas, acessórios são os mais comuns) aplicado por infração de regras, má conduta, invasão de ponto e, no caso de clientes, por descumprirem o que foi acordado em relação ao programa. Obviamente esse último expediente só pode ser praticado pelas *tops*, pois atendem em condições mais confortáveis e seguras, além de trabalharem com homens mais endinheirados e temerosos de escândalos.

⁶ Conversa em que se negocia os termos do encontro sexual.

⁷ Há inúmeros relatos das travestis sobre clientes que desejam não só serem penetrados com vestir as roupas delas e serem tratados como “fêmeas”, isto é, receber nome de mulheres, desempenhando performances consideradas tipicamente femininas durante o sexo.

⁸ Parker. 1991: 74.

⁹ Segundo Vale de Almeida a masculinidade hegemônica se define como “um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um

dois elementos básicos construção social de masculinidades: a “desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico em relação ao subalterno” (Kimmel. 1998: 113), reforçando a homofobia e o (hetero)sexismo.

O que esses homens buscam nas travestis não é só um pênis, mas um certo tipo de feminino associado à passividade e à dominação, é sugestivo o nome “boneca” para se referirem a elas. Ao mesmo tempo em que desejam uma relação entre iguais, querem um superlativo de feminino, mas buscam um tipo de sexo que julgam não ser possível com mulheres. Não só por essas não possuírem um pênis, mas por não saberem se relacionar sexualmente com um homem. Muitos desses clientes afirmam que as travestis sabem exatamente o que fazer para satisfazê-los; que gostam de sexo anal; que não fingem orgasmos. Aliás, vê-las ejacular é algo muito excitante. O sêmen é uma substância que pode gerar um contato extremamente prazeroso, afinal, este é um líquido impregnado de significados simbólicos, associando-se à masculinidade, à força, à reprodução e à vida. O contato com essa substância, segundo alguns relatos colhidos, aponta para “intimidade” entre os parceiros, estabelecendo uma aliança pela troca de fluidos. Associa-se o contato com o sêmen à percepção de que se está praticando um ato transgressivo, pois se trata de uma relação entre iguais. Ainda que esta relação seja orientada por práticas que podem ser vistas como assimétricas, estas fazem parte de uma gramática erótica compartilhada.

Outros desses clientes confessam que “adoram” fazer sexo oral nas travestis ou masturbá-las, mas são poucos os que declaram que se deixam penetrar. Geralmente estes o fazem via Internet, postando seus comentários como “anônimos”, resguardando assim sua identidade e, desta forma, sua masculinidade. São procedimentos dessa ordem que levam as travestis a classificarem muitos desses homens como “mariconas podres”, locução que conjuga dois predicados depreciativos: o da efeminação e de terem valores morais deteriorados.

efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidianas de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica de feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser. (...) Segue-se que as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder mas também pela interrelação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional. Por isso, na empiria, se verifica que a forma culturalmente exaltada de masculinidade só corresponde às características de um pequeno número de homens”. (Vale de Almeida. 2000:17 e 150).

Dentro das demarcações de gênero e práticas sexuais estabelecidas pelas travestis, o oposto da “maricona” é o “homem de verdade”. Este é sempre “ativo”, por isso, penetrador e dominador. Homem de verdade gosta de “buceta”, afirmam elas. A clientela é na sua grande maioria composta por homens casados, “heterossexuais”, portanto, já que escolheram viver com uma “buceta” (sinédoque usada pelas travestis para se referirem às mulheres). No julgamento delas, o que compromete estes homens casados e “heterossexuais” é o fato de procurarem práticas eróticas feminilizantes, agindo como “passivos”.

Elaine, travesti experiente, comenta com a convicção de quem passou os últimos 20 anos na prostituição:

Homem quer no travesti pinto! Ela pode ter peito, ela pode ter quadril, se ela não tiver pinto ela pena, entendeu? Ela vai arrumar quantos homens pra transar com ela na noite? Quantos ativos ela vai arrumar na noite? Se na noite roda mais maricona? Os ativo tão tudo com sua namorada em casa. À noite a rua é de maricona, entendeu? Que é a fantasia da maricona? Vê aquela mulher comendo ele, entendeu? (Entrevista concedida à pesquisadora em 14/11/2005).

Ou como explica Letícia, travesti freqüentadora do Dia T (encontro *off-line* dos *t-lovers*), ao se referir aos clientes: “Com a gente eles não querem nada do convencional”. O “não convencional” a que se refere é o que desestabiliza o “homem de verdade” que os *t-lovers* pretendem ser. Isso porque as práticas sexuais com as *t-gatas* (como eles as chamam) envolvem desde a felação (eles nelas) até o sexo anal (elas como “ativas”), passando por um vasto menu que vai de práticas sadomasoquistas ao chamado sexo bizarro¹⁰.

Na visão das travestis, bem como do discurso hegemônico sobre sexualidade, esses homens não seriam menos homens apenas por procurarem sexo com travestis, mas, sobretudo, por buscarem um determinado tipo de sexo. Judith Butler, numa releitura de Mary Douglas argumenta que “o sexo anal e oral entre homens estabelece claramente certos tipos de permeabilidade corporal não sancionado pela ordem hegemônica”

¹⁰ Estas práticas podem envolver penetração anal com o braço, sexo com excrementos humanos, uso de roupas femininas por parte dos clientes, adoração de pés, entre outras.

(BUTLER, 2003, p. 190).¹¹. E essa permeabilidade desestrutura a pretensa ordem social que demarca com suas regras e tabus o que deve ser esse corpo (físico e social). *T-lovers* e travestis não estão imunes a esse discurso, daí o temor dos homens de serem chamados por elas de “mariconas”, e o delas, de não serem suficientemente femininas para despertar o desejo deles. Nesse jogo, os clientes e *t-lovers* parecem ter mais a temer ou perder, pois o que está em xeque para eles é a masculinidade. Justamente o valor do qual elas, pagando um alto preço, abdicaram.

Tornar-se travesti, envolve uma série de prática e intervenções corporais que promovem o afastamento radical do que é tido por elas como masculino. Agir desta forma, dizem elas, exige “coragem”. A dor experimentada nas sessões de aplicação de silicone líquido, as náuseas provocadas pela ingestão de hormônios em grande quantidade, assim como as diárias intervenções corporais, fazem parte do “*cuidar-se*”, valor moral caro às travestis. Só assim elas se tornarão “*belíssimas*”, classificação estético-moral que aponta para um conjunto de cuidados que dedicam ao corpo e, assim, à construção da Pessoa¹². É este “se cuidar” que atesta a determinação da travesti em se transformar e, assim, adequar seu corpo “de homem”¹³ aos seus desejos e práticas sexuais, construindo para si o que Butler (2003) chama de “gêneros inteligíveis”. Isto é, aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidades entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2003, p. 38). Essa inteligibilidade dada pela norma heterossexual é a mesma que as torna seres “abjetos”, isto é, aqueles que são alocados pelo discurso hegemônico nas “zonas invisíveis e inabitáveis” onde, segundo Judith Butler (2002, p. 18), estão os seres que não são apropriadamente generificados, os que, vivendo fora do imperativo heterossexual, servem para balizar as fronteiras da

¹¹ Apesar de apresentar essa idéia em contexto distinto da que utilizo aqui, porque se refere especificamente à homossexualidade masculina e aids, acredito que essa reflexão me ajude na discussão que me proponho.

¹² Conceito usado aqui no sentido maussiano/dumontiano do termo, o que significa considerar que a pessoa se constitui a partir de um sistema moral e de valores próprios de cada sociedade e/ou grupo a que pertence. Desta forma, as culturas investem diretamente sobre os corpos, como bem ilustrado no estudo de Viveiros de Castro (1979), articulando os planos físico, psíquico e social, que, assim imbricados, permitem que se considerem os planos simbólico e empírico como esferas articuladas, capazes de orientar todo um conjunto de práticas estruturadoras de experiência humana.

¹³ Partindo de várias histórias de vida a mim relatadas, bem como da literatura sobre o tema (SILVA, 1993; OLIVEIRA, 1994; SILVA & FLORENTINO, 1996; DENIZART, 1997; KULICK, 1998; JAYME, 2001), as travestis se reconhecem como homens, por isso muitas delas se referem à sua orientação sexual como sendo “homossexual”.

normalidade, sendo fruto, portanto, desse discurso normatizador que institui a heterossexualidade como natural (BUTLER, 2002 e 2003).

Exatamente o fato de não serem, mas de desejarem parecer mulheres é o que torna as travestis alvo de olhares, de interesse, de fascínio e de repúdio. Elas desestabilizam o binarismo de sexo/gênero, ainda que paradoxalmente o reforcem em seu discurso. Esforçam-se na construção de toda uma engenharia erótica, como propõe Hugo Denizart (1997), capaz de dar visibilidade a atributos associados ao feminino – um feminino glamourizado que convive, muitas vezes, com atributos típicos da masculinidade (autonomia, independência, força física, valorização da honra, exacerbação da sexualidade). Talvez seja a percepção desses elementos de incongruência, fascínio e empenho transformador que as faça repetir o bordão “*travesti é luxo, é glamour*”. Essa idéia parece vir também da oposição entre natural/artificial, sendo o primeiro elemento valorizado em relação a alguns atributos físicos – como ter cabelos “naturais” – e depreciado em relação a outros – como deixar os pêlos do corpo crescerem, sem intervir nesse processo. O artificial tende a ser mais valorizado, pois ele marca o pertencimento ao grupo, bem como aponta para os investimentos no processo de construção da Pessoa travesti. Maraia e Alessandra¹⁴ procuram explicar a atração que exercem sobre muitos homens a partir desse par de oposições:

[Alessandra] *A gente é um homem, entendeu? Um homem transformado.*

[Maraia] *A gente tem uma aparência mais exótica, uma mulher exótica.*

[Alessandra] *A gente chama mais a atenção. Mais produzida, se preocupa mais com a aparência... com maquiagem, com cabelo, com a roupa. A mulher não.*

[Maraia] *Elas são naturais, entende? A gente é artificial e ao mesmo tempo exótica. A gente é diferente.*

A “naturalidade” das mulheres biológicas, segundo muitas travestis, as faz mais despreocupadas com a aparência, e isso vale também quando se trata de prostitutas mulheres, com as quais as travestis geralmente dividem os territórios do comércio sexual. As travestis que integraram essa pesquisa costumam atribuir a falta de cuidados das mulheres ao fato de estas terem “buceta/útero”, compondo um sistema que faz da genitália e do aparelho reprodutor os definidores do gênero. Essas são, portanto, “mulheres de verdade”, o que, segundo a percepção do grupo, as legitimaria frente aos

¹⁴ Em entrevista concedida à pesquisadora em 22/05/2004, na casa em que viviam, na cidade de São Carlos, SP.

homens. Mas, elas, travestis, estariam em clara vantagem, pois o que este homem procura é “uma mulher exótica”, “um homem transformado”, com a possibilidade de ser “ativo” e “passivo”, além de mais feminina que qualquer mulher.

Ter uma “mulher” com pênis para se deitar é “luxo”, porque sai do trivial: mulher com vagina. Ser um “homem transformado”, quando se vem das classes populares como a maioria das travestis, significa investir parte significativa de seus recursos no processo de feminilização, ainda que isso implique sacrificar aquilo que se oporia ao luxo, isto é, a coisas essenciais como alimentação e moradia. Mônica que se comprazia em humilhar clientes costumava dispensá-los com argumentos que reforçam essa percepção: “*Vai atrás de mulher, mulher é mais fácil. Te dá filho. Com um prato de comida, você compra mulher. Travesti é luxo. É pra quem tem dinheiro*”.

O luxo se compõe a partir de valores estéticos reverenciados pelos *mass medias*. É nesses padrões que as travestis buscam modelos nos quais se referenciar. Quando Liza Lawer, Samantha Sheldon e Fernanda Galisteo escolhem¹⁵ seus nomes e sobrenomes, não o fazem de maneira casuística, mas a partir de um referencial em que raça, classe, gênero se encontram e se combinam. Mulheres glamourosas, sexualizadas, ricas, brancas e loiras orientam essa escolha sintetizada nos nomes. Samantha Sheldon busca “passar-se por” branca. Ao telefone, identifica-se a um cliente como loira, de olhos verdes, mesmo que sua tez seja morena, seus cabelos muito ondulados estejam tingidos e que seus traços remetam a uma origem negra. Deseja “passar por mulher” também, com seus seios muito volumosos, suas ancas largas e nádegas de uma protuberância que toca a artificialidade. Ou seja, o efeito “natural” escapa, e, assim, a autenticidade que faria dela personagem crível¹⁶. Como muitas travestis, ela conta que viveu na Europa, mais precisamente em Milão, Itália – a Meca das travestis. A passagem pela Europa significa uma ascensão social no meio travesti, não só porque possibilita ganhos financeiros, mas porque estes podem se reverter em bens simbólicos: uma prótese

¹⁵ Algumas travestis são “batizadas” por amigas ou “mães”, isto é, travestis mais velhas que as iniciam na vida de travesti. Quanto ao sobrenome, na maior parte das vezes elas mesmas os escolhem.

¹⁶ Em *Cuerpos que Importan*, Butler escreve que “las reglas que legitiman la autenticidad (...) constituyen el mecanismo mediante el cual se elevan insidiosamente como parámetros de autenticidad ciertas fantasías sancionadas, ciertos imaginarios sancionados” (BUTLER, 2002: 191). A naturalidade, portanto, seria um efeito da incorporação das normas racial, de classe e de gênero, numa representação perfeita desses ideais, a ponto de que o artifício da imitação das normas não consiga ser lido como tal, surtindo seu efeito, a autenticidade, uma vez que o que está sendo representado a partir de um modelo não se distingue mais do próprio modelo.

cirúrgica para os seios, plástica no nariz, roupas de grifes importadas, perfumes caros. Muitas crêem que assim podem construir para si vidas glamourosas, longe da pobreza e do preconceito. Capitalizadas por esses bens, sentem-se capazes de desafiar os limites das margens. Procurando assegurar um outro lugar para si mesmas, a partir da sua beleza, da independência financeira que alimenta o processo de transformação e que possibilita que o mesmo esteja cada vez mais ajustado às normas e, portanto, à “autenticidade”. Esta, por sua vez, possibilitará que um “homem de verdade”, destes que vivem fora da noite e da margem, as tome como suas mulheres. Não pelo seu “exotismo”, mas por sua feminilidade.

O propalado exotismo estaria em reunirem em seus corpos elementos que não deveriam estar juntos: peito e pênis, largas ancas e pés grandes, coxas lisas e pomo-de-adão. Em *“Purity and Danger”* [“Pureza e Perigo”], Mary Douglas “sugere que os próprios contornos do ‘corpo’ são estabelecidos por meio de marcações que buscam estabelecer códigos específicos de coerência cultural”. Nas culturas em geral, há

[...] forças poluidoras inerentes à própria estrutura das idéias e que punem a ruptura simbólica daquilo que deveria estar junto ou a junção daquilo que deve estar separado. Decorre daí que essa poluição é um tipo de perigo que só tende a ocorrer onde as fronteiras da estrutura, cósmicas ou sociais, são claramente definidas (BUTLER, 2003, p. 188).

Seguindo essa proposta de análise, a “artificialidade” valorizada pelas travestis seria justamente o que as lança nas zonas de perigo, posto que é tido como antinatural pelo sistema hegemônico que marca e delimita os corpos em cada sociedade. Por isso, os homens que apreciam e buscam o contato com esses corpos, podem se tornar tão “perigosos”, “poluidores” e “suspeitos” quanto as travestis. Manter essa prática em segredo é estratégico mas é também elemento de fruição de prazer. Daí a importância dos espaços *on-line* (e para os *t-lovers* do *off-line* também), pois nesses ambientes se vive, paradoxalmente, a transgressão reafirmando-se a norma. A “normalidade” é estar distante da homossexualidade, sobretudo dos seus estereótipos. Ser “normal” é ser

heterossexual¹⁷. Ser gay é, assim, antes uma categoria que uma identidade. Categoria que atribui um valor negativo ao sujeito assim taxado, uma vez que o feminiliza. Por sua vez, essa feminilização vem vinculada a uma série de performances corporais, mas, sobretudo à idéia de passividade.

Mesmo quando as práticas feminilizadoras são declaradas nesses meios virtuais, elas são alocadas em contextos masculinos, pois a sexualização, feminilização e objetificação das travestis compõem uma mesma cadeia simbólica que estabelece uma hierarquia clara entre elas e eles, irmanando, por sua vez, os clientes numa espécie de “sociedade secreta”. O que remete aos antigos grupos essencialmente masculinos como Maçonaria, no qual se compartilha segredos, saberes e promove-se a iniciação dos novatos que por ventura venham a ser aceitos. A idéia de irmandade reforça também a de solidariedade masculina, sugerindo uma separação radical entre o “mundo dos homens” e o das mulheres¹⁸. Contar suas aventuras sexuais em detalhes valorizando a sua performance é uma dessas estratégias mencionadas. “*Se fizer um TD com ela, conta pra gente*”, pede um *dos t-lovers* em fórum de e-mails, solicitando ao interlocutor que narre a experiência do *test drive*, isto é, de sair pela primeira vez com determinada travesti. A escolha do termo *test drive*, não é absolutamente aleatória, como se pode concluir, afinal carros, masculinidade e sexo estão desde sempre relacionados. Na mesma lista de e-mails um outro *t-lover* relata um programa recente, num depoimento do qual se pode derivar uma série de códigos morais e valorativos que sustenta a rede de relações nesses espaços:

¹⁷ “Do mesmo modo que a homossexualidade foi definida como uma condição sexual peculiar a algumas pessoas, também o conceito de heterossexualidade foi inventado para descrever a normalidade (Weeks. 1987:35). Um dos principais papéis dos sexólogos [sobretudo nos primórdios desse ramo da psicologia, na segunda metade do século XIX] foi o de traduzir em termos teóricos aquilo que entendia como problemas sociais emergentes e concretos: como lidar com a infância? Como definir a sexualidade feminina? Como lidar com a mudança de relações entre os gêneros? Como perseguir legalmente a anormalidade? Mas a sexologia só foi possível graças aos triunfos da medicina como exploração meticulosa do corpo; tal como a medicina não se limitava a descrever, também a sexologia vai prescrever” (Vale de Almeida: 2000, pp. 88-89).

¹⁸ Nas palavras de Welzer-Lang ao se referir a rituais de iniciação á masculinidade presentes também em nossa sociedade: “ter prazer juntos, descobrir o interesse do coletivo sobre o individual, são valores que fundam a solidariedade humana. É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal” (WEZEL-LANG. 2001).

Eu a via ali naquela esquina quase todos os dias, mas nunca havia saído com ela. No sábado acabei fazendo um programa bem gostoso num hotel da região. Ela tem um pau médio, peludinho, mas bem grosso, que fica duro com uma rapidez fantástica e é delicioso de chupar. Um detalhe importante: ela gosta de beijar na boca e beija gostoso, com voracidade, com força. Não beijinho fingido. Ela é ativa e passiva e fode bem gostoso, sem pressa. Cobra 50,00 e atende também por telefone. Neste último caso, cobra entre 100 e 150,00 dependendo do tempo de permanência. Vou levantar o fone dela e depois passo. Ela me disse que tem fotos num site, acho que travesti Brasil. Se alguém puder ver e colocar fotos dela seria legal. Onde estou não tenho como acessar.

A clandestinidade da prática é sempre um ponto de tensão e união entre os *t-lovers*. Usar certos computadores para acessar sites especializados em travestis deixa “rastros”, como dizem, podendo denunciá-los. O que não os impede de compartilhar suas experiências num fórum de e-mails, ao contrário, pois assim ajudam os companheiros disponibilizando informações sobre os serviços prestados. Reconhecer os locais onde as LBs ficam, evitar as zonas das LNs, conhecer os hotéis que recebem esse tipo de parelha de forma discreta, são saberes compartilhados que colocam os mais informados em posição de destaque dentro da rede.

A partir do mesmo depoimento pode-se perceber ainda que há uma geografia moral do corpo que delimita de forma tensa as fronteiras entre interdições e permissões na relação entre clientes e travestis. A tensão se dá porque esses códigos apesar de serem compartilhados, têm valores diferenciados para cada parte da relação. Beijo na boca, por exemplo, deve ser prática interdita aos clientes, enquanto para eles, como se viu, é desejável. Para as travestis, homens não devem querer contato com o pênis delas, mas é justamente isso que buscam os clientes quando as procuram, ainda que inconfessadamente. Essa tensão transborda das práticas sexuais e chegam às imputações morais estabelecendo classificações delas para eles, e vice-versa. Categorias que não se fixam pois a “maricona”, homem que gosta de ser penetrado pode ser o cliente “fino”, isto é, atencioso, cortês e que remunera bem. Assim como o “varejão”, que pode ser desprezado por sua performance atrevida (quer tocar nas travestis e insinua fazer sexo sem pagar) pode ser valorizado, porque se comporta como

um “homem de verdade”, fazendo elogios provocativos, insinuando-se como predador, o que subalterniza as travestis, feminilizando-as e assim, aos olhos delas, valorizando-as.

Segundo os clientes a travesti pode ser, além de “LB” ou “LN”, “bandida”, “barraqueira” ou “gente fina”, classificações que se circunscrevem ao plano moral. Enquanto os termos “ninfeta”, “deusa”, “mulher perfeita”, “mulher com algo mais”, “potranca”, relacionam-se aos seus atributos físicos. Promovem estas qualidades a partir de um referencial esteticamente pautado em valores como juventude, traços delicados que remetam não só ao feminino com também a questões étnicas, assim como ao tamanho do pênis. As loiras ou aquelas de pele mais clara tendem a serem as “deusas”, as “mulheres perfeitas”, enquanto as negras e mulatas são as “potranças”, aquelas que têm “um lindo clitóris”, valorizadas pela sexualização ancestral que se faz dos negros numa sociedade de passado escravocrata como a nossa. Ser “dotada” é atributo que valoriza a travesti neste mercado, assim como ser ativa e passiva. Afinal o pênis é o elemento central do desejo, ainda que apareça encoberto por eufemismo ou pela valorização das nádegas, do ânus e da penetração. A bunda está sempre ligada ao feminino, seja ela a de um rapaz ou de uma travesti, assim como a penetração é sempre ação, ato masculino, feminilizado quem se deixa penetrar. No caso do sexo com travestis, essa “mulher de pênis” (e não um homem de peito), mesmo penetrados, os clientes ainda estão numa posição social masculina: são eles que estão pagando, que estipulam as práticas. São geralmente mais velhos e têm mais capital cultural, social e financeiro que elas. Como declarou um *t-lover* certa feita: “*não importa quem dá, quem come, se os dois dão. Importa que eu tenho ali aquele mulherão e é minha!*”. Exercendo este controle sobre outros, esses homens se mantêm ativos e, assim, viris.

Quando pênis e bunda grande se juntam num corpo liso e arredondado se tem o “luxo” que só alguns podem comprar, como querem fazer acreditar as travestis. Quanto ao glamour, bem, este se relaciona mais às fantasias do que aos fatos que cercam esse universo.

Para as travestis, seus clientes, a princípio, serão sempre “mariconas”, não porque gostem de sexo com elas, mas porque, na tentativa de se invisibilizarem e de negarem publicamente seus desejos deslocam-se da zona moral da masculinidade: não têm coragem ou honra. Por isso, muitas travestis se dizem “mais machos” que estes homens, pois têm coragem de “se assumir” e de “encarar a sociedade”, como expresso no longo depoimento postado no Blog T por Roberta Brunet:

sou uma feminista trans em todos os momentos, falo em nome delas, pois somos a gente que colocamos a kara pra bater todos os dias nesse sociedade que t-lovers fazem parte, e se quer tem uma iniciativa a mudar!!!!!! esses gostam de se realizar com todas, o quando maior melhor para eles!!!!!! querem sempre mais!!!! sempre vai preferir uma a outra pra gozar em horas diferentes!!!!!! T-lover vive num mundinho, sabe o nome de todas!!!!!! Vamos ser sinceras não existe t-lover, vcs de defendem será que vcs são tão bons na vida real quanto escrevem??????Isso sempre acontece nos fóruns e blogs comandando por t-lover, quando uma de nós falamos a realidade e a verdade vc reagem como vítima, mas as vítimas de vcs e da sociedade somos nós, convivemos com o preconceito e vcs só em 4 paredes isso é justo??????(postado no Blog T em 17/10/2006).

Neste jogo de enfrentamentos e desejos, transgressão e normalização das identidades de gênero se mesclam numa relação densa, na qual o paradoxo parece ser sempre a regra e nunca a exceção.

Bibliografia

- BENEDETTI, M. 2005. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond,
- BUTLER, J. 2003a. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BUTLER, J. 2002. *Cuerpos que Importan – Sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós.
- DENIZART, H. 1997. *Engenharia Erótica – Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- DORNELLES, J. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede". *Horiz. antropol.* [online]. Jan./June 2004, vol.10, no.21 [cited 22 March 2005], p.241-271. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100011&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-7183.

GUIMARAES JR., Mário J. L. "Sociabilidade no Ciberespaço: Distinção entre Plataformas e Ambientes" <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html>. Trabalho apresentado na 51ª Reunião Anual da SBPC – PUC/RS, julho de 1999 Consulta em 07/03/2005.

GUIMARAES JR., Mário J. L. "De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line". *Horiz. antropol.* [online]. jan./jun. 2004, vol.10, no.21 [citado 06 Abril 2005], p.123-154. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-7183.

JAYME, J. G. 2001. *Travestis, Transfromistas, Drag-queens, Transsexuais: Personagens e Máscaras no Cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa..* Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da professora doutora Suely Kofes. Out. Mimeo.

KIMMEL, M. S. 1999: "A Produção de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas". *Horizontes Antropológicos – Corpo, Doença e Saúde*. Porto Alegre, ano 4, n. 9, outubro , pp. 103-117.

KULICK, D. 1998. *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago: The University of Chicago Press.

OLIVEIRA, M. J. 1997. *O Lugar do Travesti em Desterro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do professor doutora Hélio Silva. Dez. Mimeo.

PARKER, R. *Corpos, Prazeres e Paixões*. 1993. Rio de Janeiro, Editora Best-Seller.

PELÚCIO, L. 2005. "Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers: a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis". 4 jun. Disponível em: <http://64.233.161.104/search?q=cache:DwjxuL8ino0J:damazo.groobyforums.com/files/tlovers.doc+Corpo,+metamorfose+e+identidades+%E2%80%93+de+Alana+Elisa+Star&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1>.

PELÚCIO, L. 2005a. "Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti". *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 25, p. 217-248.

SILVA, H. R. 1993. *Travesti – A invenção do Feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ISER.

SILVA, H. & FLORENTINO, C. 1996. "A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e Interpretações". In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina (orgs.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: ABIA/IMS-UERJ/Relume-Dumará.

THOMSEN, Steven R. STRAUBHAAR, Joseph D. BOLYARD Drew M. Ethnomethodology and the study of online communities: exploring the cyber streets < <http://informationr.net/ir/4-1/paper50.html>>. Consulta em 08/03/2005.

VALE DE ALMEIDA, M. 2000. *Senhores de Si – um interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.

WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, no.2 [citado 28 Abril 2005], p.460-482.